

MIOPIA

E OUTROS CONTOS INSÓLITOS



TADEU PEREIRA

# MIOPIA

## E OUTROS CONTOS INSÓLITOS

Ilustrações  
Alex Senna



Conforme a nova ortografia

1ª edição

1ª tiragem

2013



Rua Henrique Schaumann, 270  
CEP 05413-909 – Pinheiros – São Paulo-SP  
Tel.: PABX (0\*\*11) 3613-3000  
Fax: (0\*\*11) 3611-3308  
Televendas: (0\*\*11) 3613-3344  
Fax Vendas: (0\*\*11) 3611-3268  
Atendimento ao Professor: 0800-0117875  
Endereço Internet: www.editorasaraiva.com.br  
E-mail: atendprof.didatico@editorasaraiva.com.br

### Revendedores Autorizados

**Araçaju:** (0\*\*79) 3211-8266/6981  
**Bauru:** (0\*\*14) 3234-5643  
**Belém:** (0\*\*91) 3222-9034/3224-9038  
**Belo Horizonte:** (0\*\*31) 3429-8300  
**Brasília:** (0\*\*61) 3344-2920/2951  
**Campinas:** (0\*\*19) 3243-8004/8259  
**Campo Grande:** (0\*\*67) 3382-3682  
**Cuiabá:** (0\*\*65) 3632-8898/8897  
**Curitiba:** (0\*\*41) 3332-4894  
**Florianópolis:** (0\*\*48) 3244-2748/3248-6796  
**Fortaleza:** (0\*\*85) 3307-2350  
**Goiânia:** (0\*\*62) 3225-2882/3212-2806  
**Imperatriz:** (0\*\*99) 3072-0409  
**João Pessoa:** (0\*\*83) 3241-7085  
**Londrina:** (0\*\*43) 3322-1777  
**Macapá:** (0\*\*96) 3223-0706  
**Maceió:** (0\*\*82) 3221-0825  
**Manaus:** (0\*\*92) 3633-4227  
**Natal:** (0\*\*84) 3211-0790  
**Porto Alegre:** (0\*\*51) 3371-4001/1467/1567  
**Porto Velho:** (0\*\*69) 3211-5252/5254  
**Recife:** (0\*\*81) 3421-4246  
**Ribeirão Preto:** (0\*\*16) 3610-5843  
**Rio Branco:** (0\*\*68) 3223-8945  
**Rio de Janeiro:** (0\*\*21) 2577-9494  
**Salvador:** (0\*\*71) 3381-5854/5895  
**Santarém:** (0\*\*93) 3523-6016  
**São José do Rio Preto:** (0\*\*17) 3227-3819/0982  
**São José dos Campos:** (0\*\*12) 3921-0732  
**São Luís:** (0\*\*98) 3243-0353  
**São Paulo:** (0\*\*11) 3616-3666  
**Serra:** (0\*\*27) 3204-7474

Copyright © Tadeu Pereira, 2013

Gerente editorial: ROGÉRIO CARLOS  
GASTALDO DE OLIVEIRA  
Editora: KANDY SGARBI SARAIVA  
Coordenação e produção editorial:  
TODOTIPO EDITORIAL  
Assistente editorial: LEONARDO ORTIZ  
Preparação de texto: MIRACI TAMARA  
CASTRO  
Auxiliares de serviços editoriais: FLÁVIA  
ZAMBON e LAURA VECCHIOLI  
Estagiária: GABRIELA DAMICO  
ZARANTONELLO  
Suplemento de atividades: MIRACI TAMARA  
CASTRO  
Revisão: VANESSA LUCENA e ANA LUIZA  
CANDIDO  
Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELICIUC  
Gerente de arte: NAIR DE MEDEIROS  
Projeto gráfico: LEONARDO ORTIZ  
Capa: ELIS NUNES e ALEX SENNA

### CIP-Brasil. Catalogação na publicação Sindicato Nacional dos Editores de Livros (RJ)

P492m  
Pereira, Tadeu  
Miopia e outros contos insólitos / Tadeu Pereira ;  
ilustrações Alex Senna. - 1. ed. - São Paulo : Saraiva, 2013.  
64 p. : il. ; 21 cm (Jabuti)

ISBN 978-85-02-20561-1  
ISBN 978-85-02-20562-8 (professor)

1. Conto infantojuvenil brasileiro. I. Senna, Alex. II.  
Título. III. Série.

13-03055

CDD: 028.5

CDU: 087.5

# SUMÁRIO

Madrinha 7

Maldade 11

Gênio 13

Miopia 15

Norma 17

Bolachas 23

Pão 25

Troco 29

Capetas 33

Matador 35

Plutão 37

Xícara 41

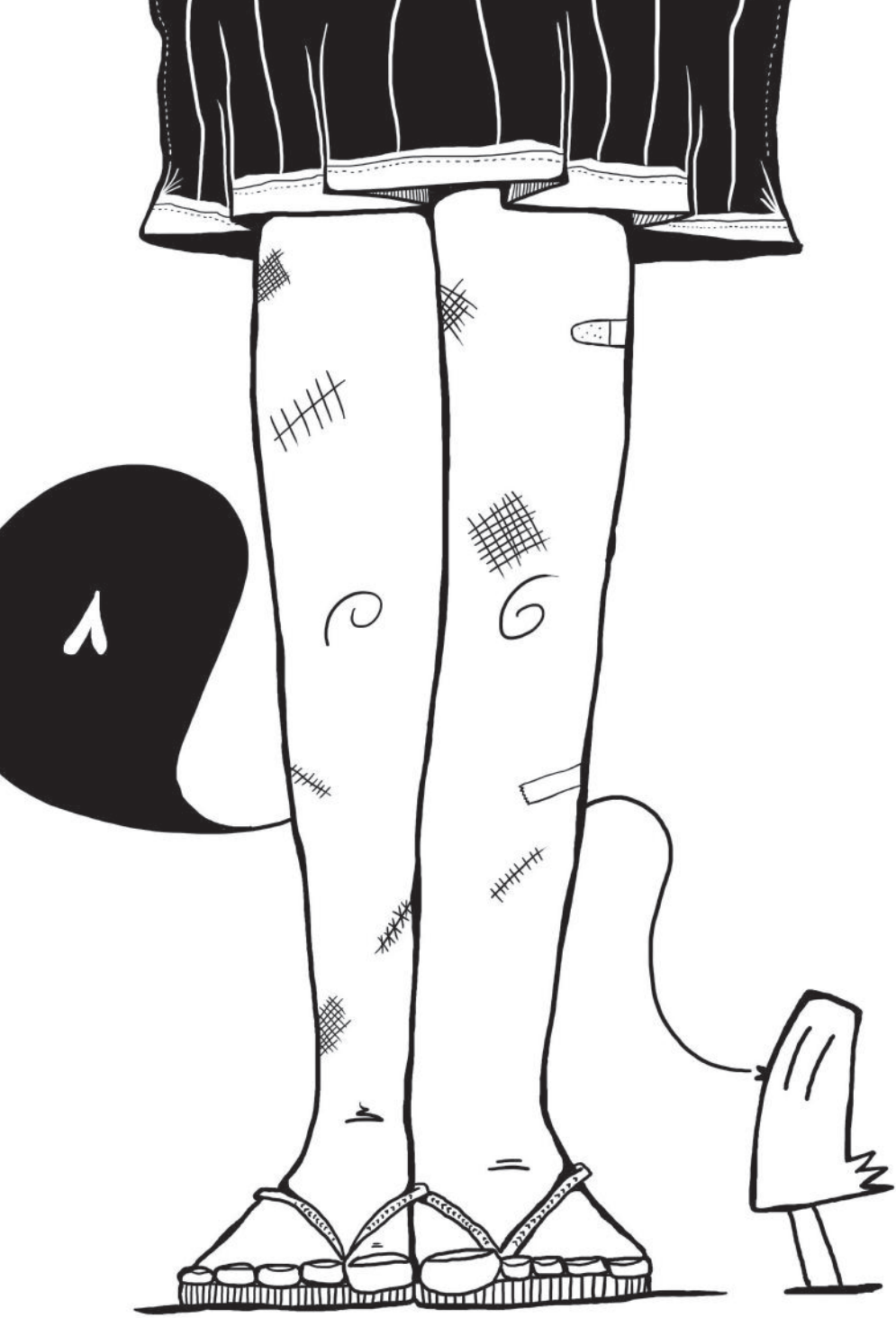
Cor 43

Madrasta 47

Amigos 53

Meias 57

Tomates 59



# MADRINHA

Eu acordava antes de o Sol nascer e começava o trabalho de varrer, encerar e lustrar o chão dos vinte e três cômodos do sobrado, até que eles fossem capazes de refletir qualquer coisa, inclusive a madrinha, dona de contornos amplos e desprovidos de graça.

Do chão eu passava a tirar o pó dos móveis, dos quadros e dos porta-retratos, tendo o cuidado de não os mover nem um milímetro da posição original, sob pena de despertar o humor sádico da minha benfeitora.

Lá pelo meio-dia, quando a casa estava com um cheiro agradável de coisa nova, a madrinha começava a inspeção dos cômodos, andando descalça para testar a limpeza do assoalho, fungando sobre os móveis pra conferir se existia poeira ou não.

Durante essas inspeções, meus joelhos sempre tremiam, e algumas vezes minha benfeitora fingia certa insatisfação só para me ver aflita diante da perspectiva do castigo. Mas eu só descobri isso bem mais tarde, quando fiz quinze anos e comecei a observar, compreender melhor as coisas, interpretar os movimentos.

Claro que, nessas alturas, eu já tinha apanhado demais, chorado demais, azucrinado a paciência da Virgem Maria com os pedidos

para me levar logo para junto da minha mãe. Mesmo que a gente tenha se separado muito cedo, da mãe eu guardava a lembrança da voz doce, das mãos macias. Eu tinha seis anos quando ela morreu, deixando-me perdida, desamparada, só com a certeza de que eu iria parar numa instituição de menores.

Foi então que surgiu a madrinha e me levou para morar com ela.

Durante a viagem até o meu novo endereço, ela contou que morava numa casa imensa, com muitos quartos e um quintal enorme, cheio de árvores, onde eu poderia brincar. A diversão e as brincadeiras foram ocupando minha cabeça e, aos poucos, a figura da minha mãe foi dando espaço àquela mulher de traseiro grande e peitos volumosos que se dobravam sobre a barriga.

Quando eu já estava instalada no lar das maravilhas, a primeira coisa que a madrinha fez foi me proibir de frequentar a escola. Defendia a ideia de que muito verbo e muita equação tinham o poder de confundir a cabeça da gente, deixar tudo solto lá dentro, embaralhar pensamentos e falas.

Mas isso foi só o começo.

Poucos dias depois, acusando-me de falar durante o sono e perturbar seu descanso noturno, ela me colocou para dormir no quartinho das vassouras, um lugar abafado frequentado por baratas e lagartixas.

Como se não bastasse, passou a testar a firmeza da sua bengala de jacarandá nas minhas pernas e costas quando não aprovava o meu trabalho. Tinha noite que as dores não me deixavam dormir, então eu ficava olhando o escuro, esperando meu corpo parar de latejar, pedindo à Virgem Maria para fazer a madrinha voltar a ser aquela mulher boa e simpática da viagem. Mas a reza não funcionou.

Durante anos a madrinha continuou a encontrar manchas invisíveis nos móveis para justificar as bordoadas cada vez mais frequentes e violentas.

Prisioneira da desesperança, à noite eu cuidava do meu corpo dolorido no cômodo abafado das vassouras, certa de que nada de bom aconteceria na minha vida. Mesmo assim, nunca fui capaz



de odiar a madrinha, de alimentar qualquer tipo de vingança contra ela. Afinal, foi ela quem me livrou de um destino trágico naquele lugar horrível para onde queriam me mandar.

Tanto desespero e aflição me fizeram esquecer do tempo. Sem que eu tivesse implorado qualquer ajuda, foi o tempo que veio me socorrer, trincando as paredes do sobrado, esfarelando a madeira das portas, ensebando o metal dos lustres.

Foi ele que impiedosamente murchou o traseiro, os peitos, as forças da madrinha.

Hoje eu tenho dezenove anos, e faz sete meses que a madrinha morreu.

Continuo aqui, levantando antes do nascer do Sol pra encerar e lustrear os cômodos, tirar o pó dos móveis, dos quadros, dos porta-retratos.

Lá pelo meio-dia, com a casa cheirando à limpeza, eu sento no chão e rezo um pai-nosso à alma da madrinha, desejando que ela esteja em paz e satisfeita com o meu trabalho. Só depois de fazer o nome do Pai é que vou até o chapeleiro e dou um chute na bengala de jacarandá. Ela balança e cai no chão com estrondo.

Essa é a melhor parte do meu dia.

